

**NA ERA POÉTICA DE AUGUSTO:
RESENHA DE *AUGUSTAN POETRY, NEW TRENDS AND
REVALUATIONS*, DE PAULO MARTINS, ALEXANDRE
HASEGAWA E JOÃO ANGELO OLIVA NETO (ORGS.).
SÃO PAULO: HUMANITAS, 2019, 452 P.**

Rafael Brunhara

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

rafael.brunhara@gmail.com

Ainda hoje, numa era dominada pela velocidade da informação, sempre será necessário certo esforço dos estudantes brasileiros de Letras Clássicas, durante seu percurso, para se manter a par dos caminhos e desenvolvimentos de seu objeto de estudo. Não é de se admirar: comparados a grandes e antigos centros de pesquisas na Europa e nos Estados Unidos, a área das Letras Clássicas no Brasil ainda é relativamente jovem.

Assim, um bom pesquisador da literatura clássica deverá mostrar não só o domínio de suas fontes primárias – o conhecimento da obra no seu contexto histórico-literário e linguístico – bem como também o domínio de suas fontes secundárias: “qual é o *status quaestionis* de uma obra? Como se construiu a crítica sobre este assunto e para onde ela está indo? Qual é a relevância de minha contribuição neste cenário amplo, em que o mundo todo discutiu, e segue discutindo tais textos? ”. Responder a essas perguntas depende também de estudar os caminhos da crítica, entender como e quais perguntas cada época colocou e, constatando que não somos nem os últimos nem os primeiros a falar sobre estes autores, inserir nossa contribuição no vasto conhecimento adquirido ao longo dos séculos, ampliando-o um pouco, enriquecendo-o um pouco. Uma tarefa como esta pode ser desafiadora para um pesquisador iniciante, que tem que se haver desde o início com textos de diversas épocas, em idiomas também diversos.

Por outro lado, há de se notar como os estudos clássicos brasileiros desde sempre buscaram sua internacionalização, quase como um impulso natural frente à ubiquidade do campo. Assim foi com a realização, no primeiro semestre

de 2015, do V Colóquio Internacional “Visões da Antiguidade Clássica”, organizado pelos professores da USP Paulo Martins, João Angelo Oliva Neto e Alexandre Pinheiro Hasegawa, que reuniu em São Paulo os mais eminentes pesquisadores brasileiros e europeus dedicados à poesia produzida na época de Augusto. As contribuições apresentadas nesse evento foram reunidas agora no livro *Augustan Poetry: New Trends and Revaluations* (São Paulo: Humanitas, 2019) e oferecem ao leitor brasileiro, como o título promete, justamente aquilo que falamos no início desta resenha: a possibilidade de conhecer os diversos caminhos da crítica – os já trilhados, que aqui são reavaliados, ou tendências contemporâneas, que são agora apresentadas – a partir de um bem urdido panorama sobre os poetas que produziram obras sob a égide do *princeps* Augusto:

Reunidos por ele, um deus na terra, os poetas aqui discutidos, que o eternizam, também se perpetuam (*non omnis moriar*), crescendo e renovando-se (*crescam recens*), pelas novas abordagens, pelo cuidadoso trabalho filológico e pelas discussões proporcionadas pelos autores (*auctores*) deste livro que vem assim organizado em três grandes partes (...)

Em outras palavras, a obra parte do “estado da arte” de poetas como Virgílio, Ovídio, Propércio e Horácio – muitas vezes em capítulos escritos por nomes de referência no estudo destes autores, que estabeleceram questões relevantes – e oferece reflexões inéditas e renovadas sobre tais questões. É o caso, por exemplo, do italiano Paolo Fedeli, que abre o compêndio – autor de um dos mais valiosos e indispensáveis comentários completos às *Elegias* de Propércio até hoje.

Assim, *Augustan Poetry: New Trends and Revaluations* não só proporciona ao estudante uma abordagem renovada, abrindo novas possibilidades para a apreciação da poesia augustana, como também, ao reunir capítulos assinados por pesquisadores de referência na área, permite ao leitor brasileiro se inteirar nos caminhos que a crítica vem abordando para esses textos.

Os capítulos da obra vêm organizados em três seções, conforme os gêneros poéticos praticados pelos poetas de Augusto: elegia, lírica, jambo, sátira e épica.

Na primeira seção, elegia, se apresentam dois estudos sobre Propércio: o primeiro, do renomado latinista da Universidade de Bari, Paolo Fedeli, “Dalla città degli Amori alla città chá cresce: Properzio e la Roma Augustea”, parte do princípio de que a Roma de Propércio é a projeção simbólica dos amores e afecções do poeta: assim, a poesia elegíaca properciana – e aí estaria uma possível retomada de Cornélio Galo – funde, em seus três primeiros livros, poesia, o contexto urbano de Roma e os amores do poeta. Mas trata-se de um amor sobretudo *elegíaco*, marcado pela impossibilidade e desventuras sexuais e cujas oscilações se consubstanciam na própria urbe, ora como negação do

espaço urbano, ora limitando-a à casa e ao leito de Cíntia, na medida em que este é cenário para a realização do amor. Assim, nos três primeiros livros, o poeta circunscreve Roma aos espaços convencionais para a realização do amor. No Livro IV, contudo, expande-se a relação do poeta com a cidade: agora os monumentos e construções augustanas ocuparão o centro – em outras palavras, Roma sendo vista em sua dimensão histórica, durante o poder de Augusto, em tom laudatório.

A perspectiva properciana se evidencia quando comparada com poetas elegíacos posteriores, como Ovídio – onde Roma é antes *background* dos preceitos amorosos do poeta (*Ars Amatoria*) e o senso de continuidade histórica dá lugar à ruptura com o passado: o presente esplendoroso em oposição a um passado de simplicidade, que pavimentou os caminhos do presente (*Fastos*), e a nostalgia, no exílio, da cidade augustana que foi perdida (*Tristes* e *Cartas do Ponto*). A abordagem de Fedeli abre a coletânea e dá seu mote, oferecendo uma perspectiva ampla que, ao apresentar e contextualizar a obra properciana, oferece *insights* de interesse aos pesquisadores de longa data do poeta.

Paulo Martins, professor da Universidade de São Paulo, prefere uma abordagem mais verticalizada: também tratará do contexto histórico de Roma na época, mas partindo da leitura cerrada da Elegia 7 do Livro 2 de Propércio e evidenciando o entroncamento entre convenções poéticas e a realidade histórica bem como a maneira singular que um gênero poético, não formatado para tal, retrata os eventos históricos.

A seção elegíaca encerra-se com dois capítulos dedicados a Ovídio, de Gianpiero Rosati e Andreas Michalopoulos, respectivamente professores e pesquisadores da Scuola Superiore di Pisa e da Universidade de Atenas, e um estudo sobre a métrica do dístico elegíaco, de João Batista Toledo Prado, da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP).

Rosati, também empenhado em mostrar como a Roma de Augusto era representada pelos poetas, aposta no elo notável entre religião e o espaço urbano romano para sublinhar o longo tópos de Roma como “cidade celeste”, cujo nascimento coincide com a afirmação de Roma como grande estrutura de poder durante a era de Augusto. Nesse contexto, como nos mostra a poesia de exílio de Ovídio, Augusto passa a ser representado como um Deus na terra. Andreas Michalopoulos, por sua vez, trabalha com as *Heroides* de Ovídio, mais especificamente as cartas de Acôncio e Cídipe (20 e 21). Depois de resumir o mito e sua presença nos poetas da Antiguidade – a única fonte são *As Origens* de Calímaco – o estudioso se concentra em um de seus aspectos, o fruto que Acôncio oferta a Cídipe contendo um juramento, analisando detalhadamente a sua simbologia na literatura antiga e os termos que Ovídio utiliza para designá-lo: *malum, pomum, fetus arboris*. O último texto da seção elegíaca é “Metrical patterns and layers of sense: some remarks on metre, rhythm and meaning”. Nele, João Batista Toledo Prado parte da

grande dificuldade dos estudos modernos de métrica antiga, a impossibilidade para um leitor contemporâneo de reconhecer empiricamente como as técnicas de versificação do latim conservadas em antigos manuais articulam a materialidade da linguagem poética – dados fonéticos, ritmo, cadência e harmonia – e propõe um estudo de métrica que antes observa as interações dentro do poema e as oposições formais do latim, buscando assim considerar o plano da expressão como também essencial para a construção do significado. Para expor seu método, Prado realiza um minucioso estudo dos versos 1-10 da elegia 1.10 de Tibulo.

Na Parte 2 do livro, é o estudo de um poeta que mobiliza e orienta todas as discussões sobre lírica, jambo e sátira: Horácio. A seção traz o vate lírico como protagonista, em seis artigos que estudam seus poemas e a sua recepção antiga e moderna. Estudam a recepção antiga Andrea Cuchiarelli, de Sapienza, Università di Roma, e Bénédicte Delignon, da École Supérieure de Lyon. O primeiro reavalia a consagrada interpretação alegórica da Ode 1.14 de Horácio, inaugurada por Quintiliano, que entende o poema como uma emulação da tópica alcaica da nau do estado. O estudioso romano propõe que a nau de Horácio, antes de representar o estado com entidade una, aludia ao conflito de facções políticas e designava forças opositoras, das quais Horácio revela-se apartado. A nau horaciana não mais se identifica plenamente com o estado, como a nau alcaica, mas reforça a imagem do poeta que se afasta e não mais se identifica com ele. Para confirmar seus argumentos, parte à leitura de outras duas “naus augustanas”, presentes em outro gênero, o épico: a nau de Eneias tal como retratada por Virgílio (*Eneida*) e Ovídio (*Metamorfoses*), que, além do sentido alegórico, transmuta-se em Ninfa e é dotada de voz própria. Já Delignon, estudando o lugar proeminente de Horácio na produção poética do período augustano como grande inovador de três gêneros poéticos – a lírica, o jambo e a sátira – busca, a partir da leitura de excertos de cada um dos gêneros em Horácio, discorrer sobre a delicada relação entre o poeta e o seu público e de que maneira um poderia ter afetado o outro no processo de redescoberta destes gêneros por Horácio. Outro estudo a cuidar da recepção de Horácio – desta vez em línguas vernáculas – é o de Érico Nogueira, professor de latim na UNIFESP. Notando certa tendência “filoclássica” em poetas brasileiros contemporâneos – ele próprio um destes – que se revela tanto em obras originais como em traduções, Nogueira estuda a recriação dos metros antigos feitas por poetas e tradutores contemporâneos, analisando, entre outras, suas próprias traduções de Horácio e Alceu. Os demais três artigos desta seção são densos e percipientes estudos sobre odes específicas de Horácio: Alexandre Hasegawa, docente da Universidade de São Paulo, apresenta um estudo da Ode 2.7 enfatizando a imitação homérica do Canto III da *Iliada*, em que Páris é salvo do campo de batalha; no poema, Horácio assumiria as vezes de Páris, ao ser removido do combate, e Augusto, seu salvador, a de Mercúrio. A

identificação com Páris não seria fortuita: estudando outras odes, Hasegawa demonstra a possibilidade nas *Odes* de uma “poética da fraqueza” (um jogo com o próprio nome de Horácio, *Flaccus*), que assinala o pertencimento de Horácio ao mundo da lira e do amor e uma recusa ao mundo pesado da guerra – tal como é o caso de Páris na *Iliada*.

Stephen Harrison, de Oxford, investiga por sua vez a Ode 2.19, reconhecendo nela elementos hínicos e a tradição, inaugurada na *Teogonia* de Hesíodo, da consagração poética por meio de um encontro divino. Assim, o pesquisador observa indícios para delinear uma poética das odes – a escolha de Baco, por exemplo, sinalizaria para o interesse de alinhar seus versos a gêneros elevados retoricamente, como a tragédia – mas também entrevê uma associação entre Baco e Augusto, demarcando uma perspectiva política ao poema.

Encerra a seção Lya Serignolli, também pesquisadora da Universidade de São Paulo, com uma leitura da Ode 3.25. Seguindo a mesma linha do texto de Harrison, Serignolli persegue os aspectos poéticos e políticos na representação de Baco: primeiro, observa o deus como um patrono de Horácio – a possessão dionisíaca surge como metáfora do entusiasmo poético em sua obra – e segundo, a mútua identificação de Horácio e Augusto a partir de Baco. Por fim, unindo poesia e política, a autora argumenta como a figura de Baco no poema visa a explicitar questões genéricas e a própria *persona* de Augusto como tema apropriado para a lírica.

A Parte III reúne quatro capítulos sobre épica que tratam de Virgílio e Ovídio, o modo como dialogam com a tradição literária e sua recepção em outros autores. Exemplo do primeiro caso são os textos de Kirk Freudenburg (Yale) e Andrew Feldherr (Princeton). Freudenburg concentra-se em analisar a “*memorem iram*” de Juno no início da *Eneida* e o símile de 1.142-156. Concentra-se na ideia de que a cena traz uma representação da *pietas*, tal qual deve ser demonstrada pelo governante, e identifica paralelos com o *Fedro*, de Platão. Feldherr, por sua vez, dedica-se a Ovídio: o estudo mostra como Orfeu, nas *Metamorfoses*, configura-se como autoridade que retoma e reconfigura o modelo de Virgílio, seu Orfeu representado nas *Geórgicas*, indicando um posicionamento de Ovídio ante a poética virgiliana. Jessica Westerhold (University of Tennessee) estuda a *performatividade* das falsas lágrimas de Tereu no Canto VI da *Eneida*, às quais o poeta diz que foram adicionadas, “*addidit*” – sinalizando aí seu uso retórico. Numa detida análise, a estudiosa mostra que a metamorfose do personagem em ave é acompanhada de outra metamorfose, de ordem emocional. Encerra o volume o artigo de Fernando Gorab Leme (Universidade de São Paulo) que demonstra como o autor cristão Prudêncio recebe, dialoga e remodela as *Metamorfoses* de Ovídio.

Tudo somado, o volume *Augustan Poetry: New Trends and Revaluations* é demonstração da pujança dos Estudos Clássicos brasileiros, contribuindo para

a internacionalização desta área no Brasil, bem como volume indispensável para compreender a poesia na era augustana – seja pelo pesquisador experiente, que encontrará aqui novas e instigantes perspectivas para seu estudo, seja pelo estudante, que terá a oportunidade de conhecer profundamente as principais tendências e aspectos da poesia praticada por nomes como Horácio, Virgílio, Ovídio e Propércio.

Recebido: 14/3/2021

Aceito: 19/3/2021

Publicado: 25/3/2021

Rev. est. class., Campinas, SP, v.21, p. 1-6, e021001, 2021